

O GYMNOTO OU ENGUIA ELECTRICA.

[Carapó electrico do Pará] (1).

As estupendas propriedades do gymnoto acham-se consignadas n'uma obra periodica, de reconhecido merecimento, escripta em Paris por compatricios nossos [*Annaes das Scienc. das Art. e das Let.* Tom. 14.^o 1821]; por ser concisa a narração e comprehender averiguada noticia, a trasladámos na integra. — « Todos os diarios de Paris referiram o singular facto acontecido ao Dr. Janin de S.^t-Just, o qual, tendo na presença de MM. Alibert, Geoffroy de S.^t-Hilaire, e Serres, pegado em um *gymnotus electricus*, segurando-o com uma das mãos pela cabeça e com a outra pegando-lhe no meio do corpo, sentiu, ao tirá-lo fóra da agua em que estava mettido, repetidas e violentas commo-

ções no espaço de 4 a 5 minutos, e tão fortes que sentia como estalarem-lhe os ossos, revolverem-se-lhe com violencia as entranhas, e receber cacheiradas na cabeça. Mr. Janin sentia os seus musculos contrahirem-se involuntariamente, e não lhe foi possível largar o animal senão depois de o mergulhar na agua. Nas 24 horas seguintes experimentou Mr. Janin dôres mui vivas e uma especie de tremor em todos os membros e particularmente nas espaldas. — Por occasião deste facto dirigiu Mr. Noyer, antigo engenheiro hydrographo e habitante proprietario em Cayenna, actualmente em Paris, uma carta ao Dr. Alibert que encerra notaveis particularidades sobre este animal. Della vamos extrahir os factos mais curiosos. — A enguia electrica, vulgarmente denominada enguia tremula, é mui commum na Guianna; habita nos pantanos, e principalmente nos sitios em que abundam certas pal-

(1) Provavelmente o mesmo que o *poraquê* do Maranhão e outras partes do Brasil: do qual diz o Sr. Brigadeiro, *A. B. P. do Lago* — « Tocando-se neste peixe, sente-se a mesma sensação que pela machina electrica; ha abundancia nos rios d'agua doce. » — *Estatistica historico-geographica da provincia do Maranhão, pelo referido Sr.* — 1 vol. em 4.^o Lisboa. 1822.

meiras chamadas *pinots*. Pelas commoções electricas que communica a todos os peixes pequenos que vem ao cima d'agua os mata em breves instantes; tem de ordinario quatro a cinco pés de comprido; e algumas são tão pesadas que carregam um homem. Não é raro ver negros nas bordas das lagôas tocados por estas enguias ficarem de tal maneira aturdidos da commoção que privados dos sentidos cahem na agua e se affogam; por esta rasão os senhores prohibem aos negros chegarem-se destas lagôas, [pinotières]. A carne do costado deste animal é excellente, particularmente depois de salgada ou curada ao fumo. Esta enguia electriza todos os peixes; um só é insensível ao seu contacto, chama-se *alipa* e é um pequeno peixe de 3 a 4 pollegadas de longo, revestido de uma casca semelhante á do tatú: a natureza parece tê-lo armado desta couraça de escamas, para lhe permittir o viver junto á enguia tremula, da qual é companheiro inseparavel. Os negros, depois de apanharem as enguias com um laço de liana, as matam com uma espada de páu. Este animal, mettido em um vaso cuja agua se renova de dois em dois dias, vive muito bem e póde sustentar-se com peixinhos e camarões; mas é preciso que o vaso seja sufficientemente grande para a enguia poder estender-se ao comprido, pois se é obrigada a arquear-se pela pouca capacidade do vaso cedo mórre. Não come os peixes mortos, engole os camarões pelo rabo, e os outros peixes pela cabeça, para evitar ser ferida pelas barbas e barbatana: é susceptivel de se domesticar. Em Cayenna faz-se uso desta enguia para electrizar as pessoas atacadas de paralytia e de dôres arthriticas. — Mr. Guittar, engenheiro agrario, fez experiencias sobre esta enguia e conseguiu tirar della pennachos electricos, mui visiveis em um quarto escuro; facto curioso e novo (2).» —

Na precedente estampa vê-se que alguns curiosos, senhoras e homens, examinam um peixe encerrado n'um reservatorio artificial de agua, dentro de uma casa: — esta casa está na galeria de sciencias praticas situada na rua-Adelaide em Londres; e o animal figurado no desenho é um gymnoto, que, para observações dos professores e satisfação da publica curiosidade, foi transportado vivo do rio das Amazonas na America do Sul, onde o pescaram em março de 1838, para a capital d'Inglaterra, onde chegou em agosto immediato. Desde o tempo em que foi colhido até 19 de outubro desse anno não quiz tomar alimento, estava

(2) O Dr. Faraday tambem obteve tirar do gymnoto transportado a Londres a fiasca electrica, e fez sobre este animal vivo uma serie de observações e experiencias, que se acham nas *Philosophical Transactions de 1839, Parte 1.*^a

por tanto mui debilitado; regeitava as varias comidas que lhe ministravam. Vendo isto procuraram os da galeria seguir o modo por que os vendedores de peixe em Londres engordam as eirozes ou enguias communs, que é deitar sangue de vitella nos viveiros em que as guardam; a experiencia sahiu bem e o gymnoto restabeleceu-se de 19 de outubro em diante em que elle principiou a comer peixes de agua doce, sustento com que ainda não ha muito tempo era mantido.

Este gymnoto é coberto de uma pelle, que imita veludo-castanho escuro: a forma da cabeça, grande e chata, adaptada ao corpo que diminue gradualmente, acompanhado pela parte inferior de uma barbatana de mui bella transparencia, faz com que não tenha o modo de seguir tortuoso da enguia, e que ponha muito mais graça nos seus movimentos.

Muitos dos gymnotos não differem da côr das enguias ou eirozes communs: parece que ha especies differentes, umas com maior outras com menor força electrica. —

Na Europa, inclusivamente na costa maritima deste reino, e até logo fóra da barra de Lisboa, apanha-se varias vezes um peixe, que os gastronomicos apreciam para saborosa caldeirada, o qual possui faculdades analogas ás do gymnoto, posto que em grau inferior, e pertence a genero bem differente, o das arraias. É a tremelga [*raia torpedo*] que differe das outras arraias em ter o corpo liso e oval: em quanto viva produz uma commoção electrica nos homens e animaes que lhe tocam, e ás vezes tão forte que adormenta por algum espaço o braço que lhe boliu: esta commoção intercepta-se mediante os corpos idioelectricos, como a cêra, vidro, &c.; e corre pelos conductores. Asseguram que só no vigor da idade e completo estado de saude exerce a sua propriedade. No mercado de peixe desta cidade se vendem em varias occasiões.

MOSTEIRO DE BELEM.

8.º

Ao chegar-se á capella mór que uma balaustrada de marmore branco separa do cruzeiro, esquece-se o indagador curioso que está em Belem. Vê-se circumdado de marmores polidos de varias côres: uma columnata jonia *stereobada* o rodca, e sobre o entablamento desta fica outra corinthia, cada uma de 16 columnas correspondentes: a abobada é apainelada de almofadas de marmore, formando meia rotunda da banda do sacrario. — Nos intercolumnios da ordem superior se veem no

retabulo tres paineis e seis janellas rectangulares e iguaes, a que respectivamente correspondem na inferior, 1.º o sacrario entre outros dois paineis [attribuidos ao celebre pintor portuguez Lopes—do tempo d'elrei D. João 3.º] — 2.º aos lados e por baixo das primeiras duas janellas de cima outras duas iguaes, e por baixo das quatro restantes outros tantos vãos na parede, sustentados por arcos, nos quaes se veem sobre elefantes anões do marmore cinzento de Cintra [*Stink-stein*] quatro grandes urnas iguaes de marmore de côres, cada uma com sua corôa aberta de metal em cima. — Esta capella mór diz Siguença que foi mandada fazer pela rainha D. Catharina, em vez da primeira que tinha sahido pequena em demasia. São estes tumulos de elrei D. Manuel e D. João 3.º e de suas respectivas mulheres as rainhas D. Maria e D. Catharina, ambas castelhanas, como tudo se vê dos competentes epitaphios latinos. — Os ossos de D. Manuel e sua mulher foram para ahi trasladados a 18 de outubro de 1551 depois de acabada a capella. —

No periodo de trinta annos, pois tantos havia que se fizera o cruzeiro, se tinha consumado de todo na Europa a revolução da architectura. — Já Buonaroti lhe tinha sancionado a restauração completa da architectura greco-romana. — Nesta capella mór é que julgamos teriam só parte architectos italianos, apostolos do novo estilo triumphante. Aos lados do altar mór ha duas portinhas que dão para escadas de caracol que conduzem aos cupulins do telhado. Atraz delle faz-se notavel um grande sacrario chapeado de folha de prata lavrada de bestiães, tendo na *porta cali* em meio relevo a adoração dos reis magos, e lendo-se por baixo:

O PRINCIPE D. PEDRO QUE DEOS GVARDE
DEV ESTE SACRARIO A ESTE REAL MOS
TEIRO DE BELLEM NO ANNO DE 1675.

Ha quem diga, não sabemos se com fundamento, ser este sacrario obra da celebre artista Josefa d'Ayalla conhecida por Josefa d'Ovidos. — Está sobre um assento de marmore de varios embutidos, por baixo do qual por um pequeno arco se entra n'um baixo cubiculo, alumiado por uma escaça lumieira, no qual estão alinhados tres caixões de defuntos. — O do meio, em que está o corpo do desgraçado D. Affonso 6.º, conserva-se de ordinario fechado. Diz-nos o Sr. Couceiro que quando tomou posse da igreja como administrador da Casa Pia o achára aberto, e o mirrado cadaver de elrei quasi sem o vestido de cavalleiro da or-

dem de Christo que tivera sobre o habito de S. Francisco em que estava amortalhado, tambem rásgado e com alguns pedaços de menos. O Sr. Couceiro mandou fazer novo vestido de cavalleiro, vestiu-o sobre os restos da mortalha, mandou forrar o caixão de novo, conservando a chave sob a sua guarda. Hoje tem-na o sachristão que della s'aproveita para ganhar esportulas aos curiosos, a qual será mais avultada se elle levantar a cabeça do cadaver e a deixar outra vez cahir com grande tombo. — Nos outros dois caixões estão depositados, n'um o principe D. Rodrigo contra as disposições da ultima vontade de seu pai elrei D. João 4.º que ordenou fosse para S. Vicente de Fóra; e no outro a infanta D. Joanna. Estes ultimos estão sempre abertos, e quem quer vai ahi com mãos profanas remecher os ossos, já em monte, e augmentar o numero de andrajos a que estão reduzidos os seus vestuarios. Indignação! Horror! Nem mais forças temos para nos explicar a tal respeito. Fugamos deste logar.

9.º

Chegou a occasião de passarmos á casa que serve de sachristia. É espaçosa, artezoada no mesmo gosto da igreja, e sustentada ao meio por um pilar, em redor do qual parece que segundo o primeiro destino devia ser a pia do lavatorio, para que se julga fôra esta casa destinada. Tem em redor uma commoda onde se guardam os paramentos que constituem, como em Mafra, porção das riquezas da igreja, sendo digno de memoria um de veludo carmezim que se diz bordado em parte pela rainha D. Catharina que o doou ao convento. Ficam por cima quatorze antigos quadros pintados em madeira contendo a vida de S. Jeronymo—e pelas paredes outros de nenhum valor. — Ha tambem ahi entre duas janellas de columnas que deitam para o nascente tres portas, — uma que devia conduzir para a sachristia e casa do capitulo quando se fizessem; porem que hoje dá apenas para um cubiculo, que serve de lavatorio; diz outra porta para a crasta ou claustro inferior, e a terceira conduz a uma escada para cima. —

Cabe aqui fazermos menção da custodia que pertencia a este convento e foi feita por Gil Vicente [—naturalmente o filho do poeta comico—] do primeiro ouro que se diz trazido de Quiloa por Vasco da Gama, quando pela segunda vez voltou dos mares da India. Foi essa custodia doada ao mosteiro por elrei D. Manuel em uma verba do seu testamento. Hoje guarda-se na casa da moeda para onde veio quando tudo se recolheu em Lisboa para den-

tro das linhas de defeza em 1833. — O seu maior valor procede das recordações e do fei-
tio, porquanto o peso d'ouro não excede a
233,600 rs. segundo lemos no folheto do Sr.
abbade Castro. —

Outras raridades nomeadas existiam neste
mosteiro, como eram na livraria os ricos volu-
mes da celebre biblia que elrei D. Manuel lhe
doou, escripta primorosamente em pergaminho
com dourados e illuminuras; o *Mestre das Sen-
tenças*, um volume em quarto grande, não tão
rico como a Biblia, &c. — O primeiro foi le-
vado por Junot, a titulo de o remetter a Na-
poleão; mas ficou de posse delle. Foi á viuva
desse general que o marquez de Marialva o
comprou por quarenta mil francos, que deu o
governo de Portugal para resgate deste objecto
roubado. — Hoje existe na Torre do Tombo.
A casa da livraria, de gosto moderno e hoje
occupada pela aula de desenho, tem a porta
de entrada no claustro de cima: o pavimento
é de ladrilho e um pouco elevado: a abobada
de tijolo é no meio sustentada por um pilar de
pedra. — Entre varios quadros distingue-se ahi
um painel de S. Jeronymo. — As estantes com
livros que não passaram para a bibliotheca do
pelacio das côrtes foram transferidos para uma
sala no extremo do quarteirão do *Noviciado*,
aonde estão em ordem 1500 volumes, alem
de 3800 apartados para terem o destino, que
for designado pelo governo visto não serem de
utilidade para os alumnos. — Nesta sala exis-
tem tambem hoje os grandes livros de canto-
chão, manuscriptos em pergaminho, que esta-
vam no côro; dos quaes infelizmente não exis-
te um só inteiro; porque houve tempo em que
os alumnos tomaram a liberdade de lhes cortar
as ricas illuminações e de rasgarem folhas pa-
ra fazerem chapéus armados e talabartes, cor-
rêas &c. de brincadeira! Isto parece incrível;
mas aconteceu.

10.º

Alem das duas portas para a crasta inferior
situada, como na Batalha e Alcobça, ao nor-
te da igreja, que vem a ser a do cruzeiro e
sachristia, ha a outra principal situada junto
da torre do lado do norte: — hoje chega-se a
ella penetrando na portaria e tomando á direi-
ta em vez de subir a grande escada que con-
duz á sala dos reis. — Entrando esta porta e
seguindo o claustro em frente veem-se do la-
do direito e por baixo de uma cinta d'arabes-
cos que segue o cordão das misulas as doze
portas que pertencem aos confissionarios que
descrevemos [art.º 4.º] no interior da igreja,
e com fórmãs iguaes ás das que para ahi dei-

tam. — Segue-se outra maior que conduz ao
côro e ao terraço.

A largura da crasta interiormente não che-
ga a tres braças e o comprimento anda por
vinte, — tudo de abobada e tecto artezoado.
Deita para o jardim, que fica no meio do qua-
dro, uma arcaria de seis grandes arcos por la-
do, cujos pilares, que assim como as colum-
nas assentam em stylobato, por ahi se profun-
dam mais de uma braça, sendo tudo lavrado
de arabescos e bestiães. — Cada arco só por
si nesta profundidade constitue uma pequena
abobada, debaixo da qual ficam de ordinario
dois sustentados ao meio por um pilar, e cada
um delles ainda é subdividido ao meio por uma
columna; — tudo com volta inteira. Em baixo
do arco maximo — no vão que fica entre os
dois interiores maiores, ha um olhal que tem
no meio ora uma corôa, ora um R, um M,
um S, uma cruz da ordem de Christo, as
cinco chagas, &c. — Do S ignorâmos a signi-
ficação. As outras duas letras designam sem
questão as palavras Manuel Rei. — Pela banda
de dentro vê-se a mencionada cruz, os lizes,
e tambem o S, havendo ás vezes só um re-
corte em quadrado. Nos cinco grandes pilares
fronteiros ás portas dos confissionarios vêem-se
tambem em linha horisontal o sol e seguida-
mente quatro bustos em medalhões, dos quaes
se diz com toda a probabilidade significarem
o Oriente com os quatro heroes portuguezes
que lá tinham ido quando ahi chegava a cons-
trucção; isto é ao que parece o Gama e seu
irmão, Nicolau Coelho e Pedr'Alvares Cabral.
Este ultimo busto confirma a tradicção, pois
está de cara voltada para o lado opposto ao
sol, commemorando assim o seu afortunado
descobrimento das terras occidentaes ou Brasil.
Nos outros pilares continuam a ver-se emble-
mas de elrei D. Manuel, esculpturas de san-
tos, symbolos da paixão de Christo, &c. —
Seguindo-se pela crasta ficam á direita as pa-
redes, tendo ao meio de cada uma capellas
concluidas, segundo Siguença, por elrei D.
João 3.º, de que restam os vãos. Aos lados
destes ficam no primeiro que se segue de uma
banda a porta que deita para a sachristia e
um retabulo sem quadro, e do outro uma por-
ta tapada a pedra e cal, lavrada, com um pi-
lar ao meio e duas imagens de pedra aos la-
dos. Esta porta devia conduzir para a capella
imperfeita ou casa do capitulo, ou quer-que-
era, de que ainda se veem os restos ou come-
ços, com duas janellas não acabadas para a
rua de S. Jeronymo. Junto fica outro retabulo
correspondente ao antecedente nomeado. — Aos
lados do altar do seguinte lanço fica uma por-
ta que devia conduzir á cêrca ou ás outras ca-

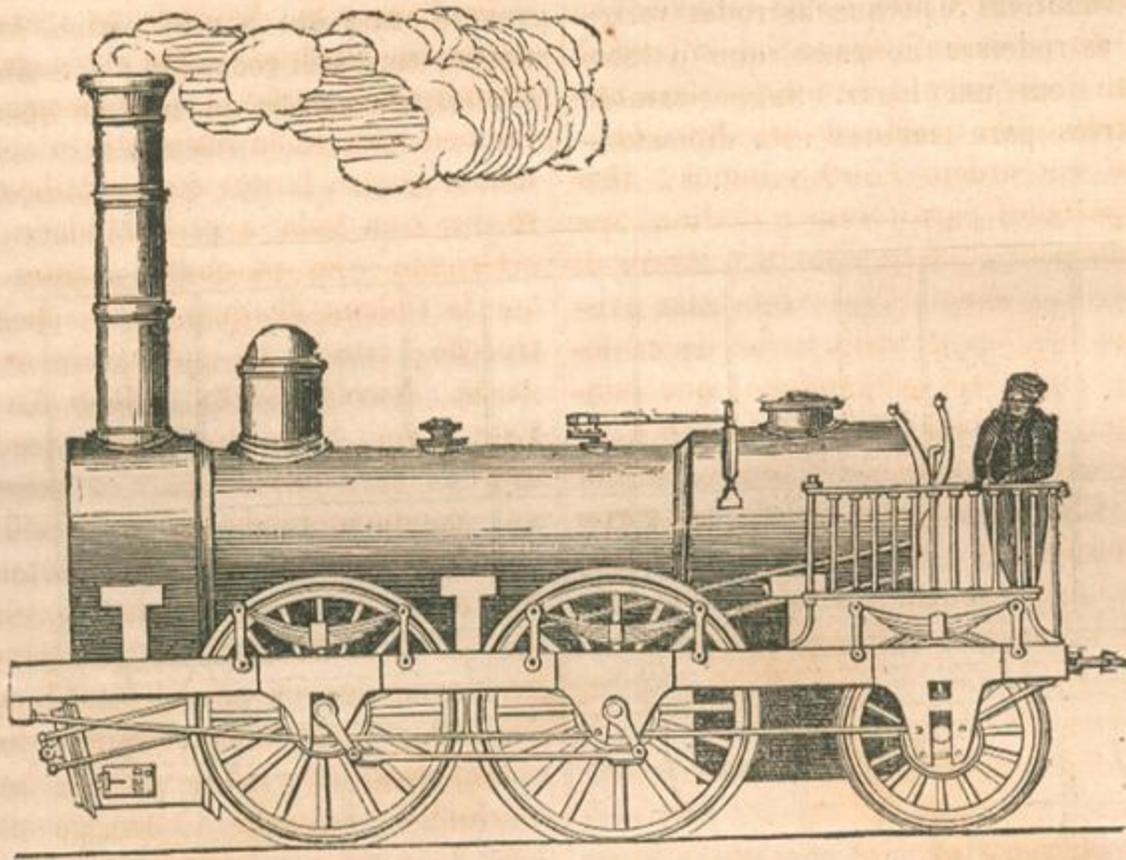
sas que se accrescentassem, e do lado opposto lhe corresponde outro retabulo em cujo espaço se abriu ultimamente uma passagem. Em cada um dos mencionados retabulos estava um quadro de pincel conhecido, — um delles do celebre Campelo. — A respeito dos outros quadros não achâmos bem concordes Virloys, Volkmar e o illustre A. da Lista dos Artistas, com os senhores conego Villela e abbade Castro, que a tal respeito escreveram. Não seremos pois nós curiosos tão pouco entendedores que accrescentaremos as duvidas que melhor decidirão artistas abalisados bem familiares com os diferentes pinceis.

Contigua á porta novamente aberta fica a do refeitorio em correspondencia no mesmo claustro á outra grande por onde entrâmos. — No canto visinho do jardim está uma fonte ou charfaz, que consiste em um leão de marmore branco despejando para um tanque de lavor antigo. — Ao meio do pateo ou jardim ha um repucho com assentos á roda, ao qual se chega

atravessando o grande tanque por meio de quatro pontes de lagedo em correspondencia ao meio de cada lanço.

O refeitorio no entender de Siguença, que não se contentava com pouco, pois achava as cellas pequenas, é das boas peças que elle tinha visto; — todo ladrilhado do tijollo de Hollanda branco e escuro. Tem de comprido dezoito braças — menos duas que um lanço da crasta; e de largura tres e meia. Sustenta a abobada sobre seis mísulas de cada lado no sentido do comprimento, — sobre dois cordões de pedra, por debaixo dos quaes é tudo azulejado com pinturas finas dos passos da vida de José no Egypto, &c. Entre as ditas mísulas se abrem nos vãos do lado de fóra cinco janellas abatidas compostas nas ombreiras de duas ordens de columnas. — Na parede fronteira está ao meio um pequeno pulpito de resa, e ao fim da casa uma portinha que conduz á cosinãa. Esta é boa como era a de todos os frades ricos, e tem agua boa e mui notavel chaminé.

(Continuar-se-ha.)



MACHINA LOCOMOTIVA.

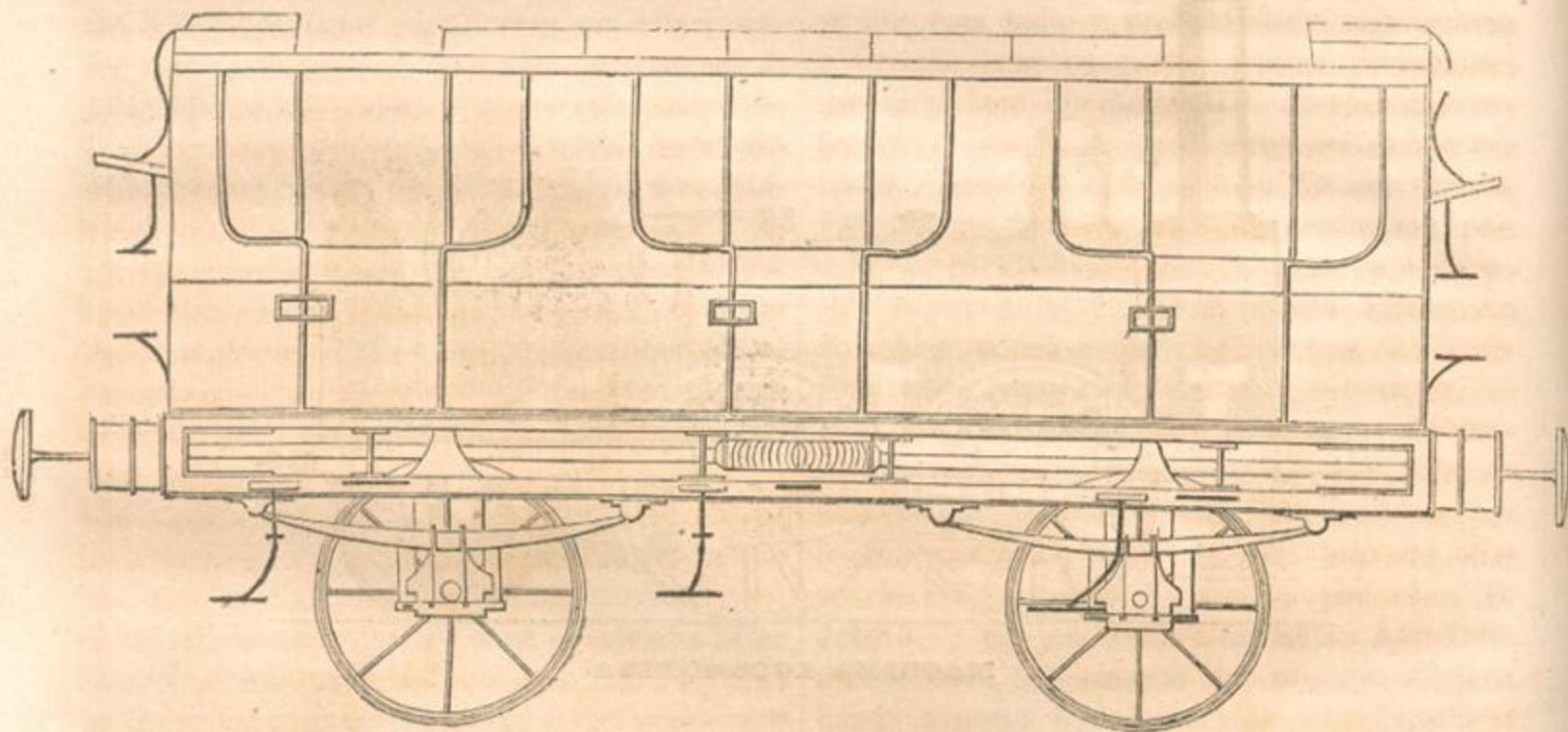
DEU-SE o nãme de *locomotiva* a uma machina de vapor, collocada sobre rodas de modo tal que, communicando a sua força ás rodas, caminha levando apoz si ou impellindo para diante um trem de carros ou coches. Não entraremos na historia da contestada prioridade deste invento; nem por agora nos cançaremos com a sua theoria. O Dr. Lardner diz no seu tractado especial sobre este assumpto. — « Para comprehender distinctamente o modo por que uma carruagem de rodas é impellida pelo vapor,

supponha o leitor uma manivella fixada na roda a alguma distancia do centro, e que com a mão ou qualquer outra força se faz dar voltas á roda. Se o circulo da roda e a superficie do caminho estivessem totalmente suaves e livres de fricção, de modo que a roda escorregasse sem resistencia alguma sobre o caminho, o effeito da força, assim applicada, seria fazer dar voltas á roda sobre seu eixo sem que adiantasse a carruagem pelo caminho. Porem se a pressão for tal que produza entre a roda e o

caminho um gráu de adhesão que empeça á roda o dar voltas, como se resvalára pela força communicada á manivella, será a consequencia que a roda não só dará volta no caminho pela força que se lhe faz, mas fará mover a carruagem para diante em distancia proporcionada á circumferencia da roda, em cada volta completa que dê.» —

A primeira consideração, em respeito á construcção das carruagens, é a correspondencia entre a carga, o eixo, e a orla da roda; isto é, que se determine o diametro das rodas pelo peso que se hade levar, a fim de que haja a menor fricção possivel. Adoptou-se o methodo de endurecer as bordas ou circumferencias das rodas escandecendo-as a subido gráu, e fazendo-as rolar nesse estado d'encontro a um cylindro de ferro frio, e a experiencia mostrou que as rodas assim enrijadas estão menos sujeitas a gastar-se. — A principio era opinião de muitos que as rodas de ferro não teriam sufficiente péga nos carris ou rodeiras para puxar e levar apoz si peso algum consideravel, e que por conseguinte seriam inuteis para machinas locomotivas, porque as rodas volveriam sobre as rodeiras ao passo que o trem ficaria quieto em um logar. Suggestiram-se muitos arbitrios para remover esta difficulda-

de, até que a prática mostrou que nas inclinações mais communs dos caminhos, por exemplo 40 palmos n'um quarto de legua, podiam as rodas, por sua mera adhesão aos carris, puxar um trem de carruagens. A inclinação do caminho, que se póde vencer deste modo, depende da especie da superficie do grosso das rodas, e dos carris, do peso que ha sobre as rodas, do peso das carruagens que hão de mover, e da fricção do trem das carruagens, para o que não se podem dar regras certas. — Um dos expedientes a que se recorreu, para augmentar a adhesão das rodas aos caminhos, foi accommodar as quatro rodas da locomotiva de modo que a fricção dos dois pares fosse simultanea, fazendo que os embolos, que fazem mover a um par, movessem ao mesmo tempo o outro par, por meio de uma cadêa sem fim, isto é sem pontas, que passasse pelos dois eixos sobre duas rodas dentadas. Accrescentou-se depois outro par de rodas á machina, por este augmento de rodas tinha o inconveniente de maior gasto, maior peso, maior attrito, e fazer a machina mais complicada. A gravura anteposta a este artigo indica a carruagem com seis rodas (1); a estampa seguinte mostra a secção de uma de quatro rodas.



Mr. Stevenson obteve uma patente de privilegio em outubro de 1833 para estas duas rodas addicionaes, postas debaixo do fogão e da caldeira, para manter a machina direita em seu curso pelos carris ou rodeiras. — É da maior importancia que o engenheiro possa deter com a maior promptidão a carreira de uma machina no seu progresso; e como o methodo, que se usava, offerecia inconvenientes, o mencionado Stevenson propoz um remedio

que consiste em empregar a força do vapor sobre os embolos, de modo que pertendendo-se fazer parar uma equipagem ou trem não se precisa mais que dar volta a uma chave; o vapor corre instantaneamente por um tubo ao cylindro, e pela sua pressão sobre o embolo move um jogo de alavancas, que obrigam

(1) Esta estampa serve para se fazer idéa da exterioridade da machina; a que se construiu para Havana era do systema de quatro rodas.

dois represadores contra as peripherias das rodas com tanta força que sustem immediatamente o movimento da machina e de todo o trem.

Em os caminhos de ferro ha carruagens de varias classes, em quanto á caixa e ornamentos para a conducção de passageiros, posto que nas rodas e plataforma não haja differença. Cada trem se compõe de varios coches, de ordinario oito ou dez, engatados uns nos outros com um gancho, e alguns argolões grossos, puxado tudo pela locomotiva, que vai adiante. No feitio, dimensões e adornos ha muita variedade, assim em Inglaterra, como na America septentrional: para exemplo, contentar-nos-hemos com uma carruagem de primeira classe; o original della foi construido em Londres para o caminho de ferro, que ha cinco annos se estabeleceu de Havana para Guines (2).

O corpo de cada coche comprehende tres divisões ou repartimentos como se vê na gravura antecedente.

Tem em todo o comprimento exterior 5 varas e 21 pollegadas, medida de Castella, de largura no vão 2 varas e 7 polleg., de altura de coberta uma vara e $\frac{3}{4}$: os pilares nas quinas tem duas e meia polleg. de grosso, os das divisões uma polleg. e $\frac{3}{4}$, os dos postigos duas polleg. e quarta. Por não fazer-mos extensa descripção, que mais respeita aos artifices do que aos curiosos, bastará dizer que os passageiros tem assentos commodos, em que fazem sua viagem com rapidez e sem molestar o corpo: quem transitar nas carruagens omnibus [de tanta vantagem para o transporte pessoal nesta capital e arrabaldes] fará idéa mui proxima do interior daquellas de que tratamos.

DA EDUCAÇÃO MORAL DA INFANCIA.

Nós não poderíamos produzir um testemunho mais respeitavel, um advogado mais afervorado da importancia desta parte essencialissima da educação do que o veneravel arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão, homem tão santo, quanto illustrado patriota, dotado d'um coração humano e generoso, *genialmente sensivel* na sua mesma phrase; e que no seu ministerio pastoral em ambos os mundos foi o distincto e acalorado amigo da infancia. Eis as suas proprias palavras:— «Talvez a educação dos meninos é a cousa mais recommendavel: ao menos ninguem poderá contestar que entra

na ordem das primeiras causas que influem no bem de uma e outra republica, christã e politica. Qualquer dellas será mais ou menos feliz á proporção do cuidado que se toma em formar os tenros corações da mocidade. Semê-se bom grão nesta terra ainda fresca e mimosa; cultive-se com zelo e industria; nem a requeime o ar empestado dos máus exemplos; e logo a republica virá a ser como um ameno jardim povoado d'arvores vistosas e fructiferas, quero dizer, de sujeitos que por suas bellas acções contribuam á gloria e ao bem solido da humanidade.

Mas que é o que se nota mais distinctamente em um menino, logo que a luz do dia fere a sua alma? Cegueira e fraqueza: entra no mundo com o entendimento fechado ás idéas do bem, e aberto ao mal: os sentidos susceptiveis de erro e de corrupção; elle mesmo carregado d'um peso enorme, que o inclina quasi invencivelmente para o abysmo de todos os vicios. Aqui a seducção se lhe apresenta armada de todos seus funestos artificios; elle só vê junto de si objectos capazes de perverte-lo: quasi nunca se lhe falla das unicas verdades que poderiam dissipar a sua ignorancia: pinta-se-lhe o vicio revestido de todas as cores lisonjeiras: louvam-se, e ainda se executam diante delle acções detestaveis: permite-se-lhe toda a sorte de pequenas e ligeiras indecencias: o veneno se vai introduzindo nas suas entranhas como o mesmo leite; de sorte que, quando o seu coração começa a sentir o desejo de conhecer o mal, já o espirito está repassado delle. Ah! quanto é natural nesta infeliz situação que o menino se desgoste da virtude e dos trabalhos que conduzem para ella! quanto é facil que, não tendo ainda nem a vontade de resistir ao mal, se deixe arrastar das suas funestas impressões, e aprove todas as maximas erradas, logo que ache quem lh'as ensine! quanto é facil que não ame senão o que lisongeia os sentidos, e só ponha a sua felicidade na libertinagem, na moleza, e na intemperança! Em fim, para o dizer em uma palavra, quanto é natural que elle não siga outra regra em todo o decurso da vida mais do que a natureza corrupta, e a paixão cega! E as meninas; serão ellas acaso meaos expostas a um similhante destino? Serão com ellas menos funestas e prejudiciaes as consequencias que resultam da sua má educação? Julguemo-lo pelos deveres do officio a que geralmente são destinadas. Mãe de familia: que cargo! Como é difficil, critico e importante! Estava quasi tentado a dizer, que ainda reclama maiores disposições que o dos mesmos pais, se nos quizermos limitar á esphera da educa-

(2) Havana, porto principal da ilha de Cuba, a maior do archipelago que chamamos hoje *columbiano*: é uma das mais importantes possessões coloniaes da Hespanha.

ção domestica. Com effeito, ninguem ha que ignore que as mãis de familia são os espelhos onde os meninos trazem sempre fitos os olhos; aquellas com quem tratam mais intima e frequentemente; que encaminham seus primeiros passos; desatam as tenras prisões de sua lingua balbuciente; começam a dissipar as trevas que envolvem o seu rude espirito: em menos palavras; á excepção d'um pequeno numero de pais que sabem estimar este honroso exercicio, ellas são as unicas mestras de seus filhos na primeira idade. Mas se por infelicidade estas mestras não tiveram uma educação virtuosa, como é crível que a possam dar a seus filhos? — [Pastoral de 12 de junho de 1788 publicada na cidade de Belem em o Pará; extractada das Memor. para a Vida do mesmo Arceb. cap. 17].

Kenilworth. — Novella de Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. 4 vol. 8.º Lisboa. 1841 — 1842. Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

AS ARVORES novas, transplantadas do viveiro logo para o chão em que tem de vegetar e produzir até que a longevidade as cance e o ferro do lenhador as decepe, crescem e medram em viço de folhagem, robustez de troncos, e copia de fructos; mas se as submetterem a duas ou a tres mudanças de terreno, antes de as collocarem onde devem enraizar-se permanentemente, a cada transplantação o ferro do agricultor as fere, e, no solo que porfim lhes destinam, ou ostentam menos gala, ou contam menor duração. — Applicaremos este facto, como simile, á traducção das obras litterarias de uma para outra linguagem: — para bem traduzir hade-se buscar o texto do auctor no idioma em que elle escreveu; isto é, trazer do solo indigena a planta com o maior esmero; porem fazer versões de outras versões é commetter voluntariamente infidelidades, jurar segundo a palavra alheia, e em summa sujeitar-se a infamar uma reputação por um boato avulso.

Sem rasão algumas pessoas pouco estudiosas menoscabam ou depreciam o trabalho do bom traductor; porque difficil é a tarefa de comprehender inteiramente os pensamentos de um auctor, de os explicar como nós fallamos, e como elle deveria exprimir-se se compozesse em o nosso idioma. O traductor reveste-se do character do auctor, hadé repôr as delicadezas do seu modelo; é como o pintor que traslada um painel eximio, e que escrupulisa até no

imitar sem alteração a minima prega da roupagem menos apparente no quadro.

Note-se porem que ao copiar escriptores insignes, ha mais facilidade em reproduzir as obras de um do que as de outro, segundo os assumptos que escolheram, e a originalidade do estylo: assim como ha rostos que os retratistas copiam com promptidão e similhaça perfeita, e outros que lhes cançam a faculdade imitativa sem que possam desenha-los inteiramente ao natural. O escossez Walter Scott creou um genero novo; ora é dramatico, ora descriptivo em suas novellas, aproveita a historia, refere-se a usos e costumes, busca as suas personagens em todas as classes da sociedade, e em diversos paizes. Quem ha que não tenha lido algumas novellas deste escriptor tão fecundo quanto digno de apreço? E quem lendo-as no original desconhecerá os obstaculos que se apresentam, não dizemos ao francez, ao italiano, &c. — esses lá tem melhores ou peores traducções, — mas ao portuguez que se applicar a traduzi-las, para facilitar a sua lição ao sexo amavel e ás pessoas que não conhecem a lingua ingleza?... E comtudo ha embaraços que são obvios a todos; mas outros ha que só commettendo-se a empreza se divisam. — Todavia temos nós quem soube arrosar com elles; quem soube mostrar Walter Scott aos portuguezes seguindo rigorosamente o texto inglez; e a terceira prova do que affiançamos será a versão de — *Kenilworth*, — depois de — *Ivanhoé* — e *Quintino Durward*. — Se a nossa humilde opinião fôr credora do conceito dos leitores, julgamos que hãode confirmar-se nella, porque lhe podêmos assegurar que a versão é fiel; e quanto á propriedade d'expressão e pureza de lingua não terão certo em que reparar os mais escrupulosos. — Alem disto, entre a profusão de obras inventivas do A., tem preferido o Sr. Ramalho as mais interessantes pela importancia da acção e bem acabado da fórmula: — No *Quintino* descreve-se a politica do desconfiado Luiz 11.º de França — no *Kenilworth* a côrte da imperiosa rainha Isabel da Graã-Bretanha.

FALLANDO dos philosophos que escrevem leis para Estados imaginarios, disse Bacon: — Os seus discursos são como as estrellas, que dão pouca luz por estarem em grandissima altura.

UM homem idoso, e que frequentou muito as sociedades, dizia que os seus *conhecidos* não cabiam dentro de uma sé, mas que os seus *amigos* não encheriam o pulpito.